Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.06, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3654

HORROR E PERFEIÇÃO: CORPO, ESTÉTICA E MÍDIA NO FILME A SUBSTÂNCIA

HORROR AND PERFECTION: BODY, AESTHETICS, AND MEDIA IN THE FILM THE SUBSTANCE

Leonardo Magela Lopes Matoso
Doutorando, Enfermeiro e Jornalista,
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil
E-mail: leonardo.l.matoso@gmail.com

Josenildo Soares Bezerra
Doutor em Estudos da Linguagem
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil
E-mail: soares.bezerra@gmail.com

Recebido: 01/03/2025 – Aceito: 24/03/2025

Resumo

O filme “A Substância” (2024), de Coralie Fargeat, apresenta uma crítica incisiva às normas estéticas e ao culto à juventude na contemporaneidade. A partir da análise de cinco cenas, investigamos neste estudo como a mídia e a indústria da estética constroem padrões idealizados, transformando a identidade física e psíquica em mercadoria. Embasado em autores como Michel Foucault (2001/2021), David Le Breton (2013) e Paul Preciado (2018), o trabalho revela como o filme utiliza o Horror Corporal para expor a violência simbólica e material imposta aos corpos, especialmente femininos. A obra evidencia o corpo como campo de controle biopolítico, onde o envelhecimento é tratado como defeito. Ao tensionar os limites entre corpo e identidade, “A Substância” nos desafia a repensar o que significa ser humano em uma sociedade obcecada pela perfeição física e pelas dinâmicas de poder que regulam a experiência corporal.

Palavras-chave: estética; mídia; corpo; dismorfia; doença.

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.06, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3654

Abstract

The film The Substance (2024), directed by Coralie Fargeat, presents a sharp critique of aesthetic norms and the cult of youth in contemporary society. Through the analysis of five scenes, this study investigates how the media and the beauty industry construct idealized standards, turning physical and psychological identity into a commodity. Grounded in authors such as Michel Foucault (2001/2021), David Le Breton (2013), and Paul Preciado (2018), the research reveals how the film employs Body Horror to expose the symbolic and material violence imposed on bodies, especially female ones. The film highlights the body as a field of biopolitical control, where aging is treated as a flaw. By challenging the boundaries between body and identity, The Substance urges us to reconsider what it means to be human in a society obsessed with physical perfection and the power dynamics that shape bodily experience.

Keywords: aesthetics; media; body; dysmorphia; disease.

1. Introdução

Sempre me intrigou a maneira como o corpo humano é lido pela sociedade, especialmente no que diz respeito às suas transformações, limitações e possibilidades. Nos últimos anos, dediquei-me a investigar como a corporalidade, a sexualidade e a saúde mental se interligam e são, portanto, representadas em narrativas ficcionais, principalmente audiovisuais, que exploram os aspectos mais profundos, sombrios e inquietantes da experiência humana. Essa jornada me levou a refletir sobre um tema particularmente relevante na contemporaneidade: a relação entre a imagem corporal, a autoidentidade e as pressões sociais impostas pela mídia.

A partir dessa perspectiva, comecei a explorar produções culturais que questionam essas dinâmicas, e foi nesse contexto que me deparei com o filme "A Substância", lançado em 2024 e dirigido por Coralie Fargeat. A obra, um exemplo visceral do subgênero Body Horror (Horror Corporal), oferece uma análise crítica das percepções atuais sobre a aparência física e as implicações de uma sociedade patriarcal obcecada pela juventude e pela perfeição estética. Nesse sentido, o filme não apenas entretém, mas provoca uma reflexão profunda sobre como construímos nossas identidades em meio a padrões muitas vezes

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3654

inatingíveis.

À medida que vivemos mais, o desconforto com o envelhecimento se torna cada vez mais presente, não apenas pelas mudanças físicas, mas pela crescente dissonância entre a imagem refletida no espelho e a percepção interna que molda nossa identidade. Esse descompasso não é apenas individual, mas é alimentado por uma sociedade que valoriza excessivamente a juventude e a perfeição, tornando o corpo um campo de batalha, como afirma Byung Chul-Han (2019). Ao envelhecer, o corpo perde valor simbólico no mercado social da estética, gerando um sentimento de desvalorização e estranheza.

E essa concepção sobre o corpo ficando mais velho, não é apenas um marcador fílmico e ficcional. Em 2025, a expectativa de vida no Brasil deve atingir 76,8 anos, conforme apontado por Marcelle Martins (2024) e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Esse aumento está diretamente relacionado aos avanços significativos na medicina, bem como à melhoria das condições de vida. Logo, os avanços recentes têm prolongado a vida da população brasileira, o que exige ajustes no planejamento social e nas políticas públicas para lidar com o envelhecimento da população.

É por essa perspectiva, que se optou por trabalhar aqui, as reflexões contundentes sobre corpo, gênero e mídia que se entrecruzam no filme “A Substância”. Onde se apresenta não apenas como um longa-metragem de terror, mas como um espelho que nos confronta com as verdades desconfortáveis sobre nossas percepções do envelhecimento e os valores impostos pela sociedade.

Nesse cenário, o envelhecimento é associado à perda de controle sobre o próprio corpo, que parece seguir um caminho de deterioração inevitável, alheio à vontade de quem o habita. Essa sensação de impotência, ligada ao processo de descorporificação, alimenta a busca por soluções que prometem reverter os efeitos do tempo. A descorporificação, nesse contexto, se manifesta como uma desconexão entre a pessoa e seu corpo, que passa a ser visto mais como um objeto a ser controlado ou modificado do que como uma parte integral da identidade. Isso impulsiona a procura por intervenções biomédicas, cirurgias estéticas e, no caso da ficção abordada, substâncias experimentais, como tentativas de resgatar ou redefinir a relação com o corpo envelhecido.

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.06, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3654

No filme "A Substância", acompanhamos a história de Elisabeth Sparkle (interpretada por Demi Moore), uma atriz cuja carreira entra em declínio ao ser dispensada de seu programa fitness na TV. Em uma tentativa desesperada de recuperar tanto sua relevância quanto sua autoestima, ela decide testar uma droga experimental que promete regenerar as células e criar uma versão mais jovem e aprimorada dela mesma, chamada de Sue (interpretada por Margaret Qualley). Porém, o uso da droga gera um dilema inesperado: a convivência literal entre duas versões de si mesma (a versão original e a rejuvenescida), alternam o controle do corpo a cada sete dias e esse equilíbrio precisa ser mantido, se não, uma passa a digerir a outra, o que se torna palco para um conflito de poder e domínio.

O filme retrata, de maneira perturbadora, o desejo pelo "eu perfeito", mas também evidencia as consequências dessa busca. Ele expõe como o corpo, especialmente o feminino, é transformado em uma mercadoria fluida, moldada pelas pressões da sociedade e pela mídia. Ao mesmo tempo, a obra convida o espectador a refletir sobre a relação entre identidade, desejo e as normas estéticas impostas culturalmente.

Diante desse cenário, a problemática central deste estudo recai na seguinte indagação: Como as representações midiáticas de corpo e beleza influenciam a percepção do envelhecimento e a valorização da juventude, conforme evidenciado nas narrativas apresentadas em "A Substância"? Essa questão é relevante porque vivemos em um contexto onde a aparência física é constantemente monitorada, modificada e mercantilizada, resultando em impactos psicológicos, sociais e culturais profundos.

Como dimensionado em pesquisa realizada por Joseph Kaleeny e Jeffrey Janis (2024) que trabalharam com 17.107 pacientes que fizeram cirurgias plásticas e identificaram que 62,9% eram mulheres, com idade média de 35 e possuíam Transtorno Dismórfico Corporal (TDC). A própria clínica evidencia que pessoas que buscam cirurgia plástica estética apresentam maiores alterações psicológicas quando comparados à população geral e o distúrbio mais comumente encontrado é depressão e o TDC.

Dessa maneira, a escolha de "A Substância" como objeto de análise se

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3654

justifica não apenas por sua abordagem inovadora e provocativa, mas também por sua capacidade de articular questões estéticas, corporais e de gênero de maneira crítica. Além disso, o filme permite uma reflexão sobre como o corpo, ao longo da obra, é transformado em um dispositivo biopolítica e midiático, evidenciando a relação entre controle social, pressões estéticas e as expectativas culturais contemporâneas.

Sendo assim, o objetivo deste estudo foi avaliar como o filme oferece uma crítica às normas de beleza e juventude, revelando as consequências psicológicas e sociais da obsolescência estética e da pressão para se conformar a padrões idealizados. Por fim, espera-se contribuir para um debate mais amplo sobre as relações entre corpo, mídia, tecnologia e poder, questionando as normas hegemônicas que moldam a experiência humana.

2. Metodologia

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, com foco na análise fílmica como método principal de coleta e análise de dados. Essa escolha se justifica pela necessidade de compreender as complexas representações do corpo e da saúde na mídia, especialmente no contexto do filme "A Substância".

Advoga-se que a análise fílmica foi dividida em duas partes principais:

1. Seleção de Cenas Chave: onde foram identificadas e selecionadas cenas do filme "A Substância" que melhor ilustram os temas centrais da pesquisa, como a busca pela juventude, a relação com a própria imagem, o conflito entre as versões da personagem, e a representação da mídia e da indústria cultural.

2. Análise Narrativa: onde foi examinada a estrutura narrativa do filme, identificando como a história constrói e desconstrói normas estéticas e expectativas sociais em relação ao corpo.

A metodologia proposta é embasada nos pressupostos de Francis Vanoye e Anne Goliot-Lété (1994), que propõe uma análise detalhada que combina aspectos técnicos, narrativos e simbólicos, levando em conta o contexto cultural, histórico e social do filme. Essa abordagem é útil para entender como um filme não apenas narra uma história, mas também como ele interage com o público e o contexto em

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3654

que é assistido.

Destarte, os dados obtidos na análise fílmica foram cruzados com o referencial teórico, permitindo uma compreensão mais profunda de como as teorias de Foucault (2001/2021), Le Breton (2013), Preciado (2018) e outros autores relevantes iluminam a interpretação do filme e a compreensão do fenômeno estudado.

Todas as ideias, conceitos e aspirações dos autores trabalhados nesta pesquisa foram rigorosamente mantidos em sua íntegra, assegurando que o conteúdo original e as contribuições teóricas de cada autor fossem devidamente respeitados e referenciados. A pesquisa foi conduzida com o compromisso de garantir a integridade acadêmica e o respeito à ética científica, garantindo originalidade e a correta citação das fontes, evitando plágio e a influência de inteligência artificial.

3. Resultados e Discussão

"A Substância" se insere de maneira provocativa no cenário contemporâneo. Onde o corpo perfeito é midiatizado[1] constantemente nas redes sociais por imagens de homens e mulheres (preferivelmente, mulheres branca, influenciadoras digitais e de classe alta) exibindo procedimentos estéticos, cirurgias plásticas, alimentações equilibradas e idas a academia de maneira extasiante. Essa vida utópica, representada por um corpo tópico (Foucault, 2021) é o contraponto discutido no filme, que evoca uma narrativa de heterotopia negativa ao se debruçar sobre um corpo incorporal, onde desafia as convenções tradicionais e confere horror ao discutir etarismo.

Ao explorar a desintegração do corpo humano, a obra torna-se um campo fértil para a análise das intersecções entre estética, mídia e a construção de identidades na era farmacopornográfica (Preciado, 2018). Para entender melhor as

[1] O conceito de midiatizado/midiatização utilizado neste estudo é proveniente dos ensaios de Stig Hjardard (2014). Onde implica dizer que se refere a mudança das formas de comunicação e das relações sociais, onde a mídia deixa de ser apenas um canal para a transmissão de informações e se torna um agente ativo na construção e regulação das normas e valores sociais.

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3654

nuances dessa narrativa, foram extraídos cinco *frames* (cenas) que ilustram como o filme utiliza o horror corporal e tece uma crítica às normas de beleza e juventude.

Cena 1 – A Demissão de Elisabeth Sparkle (Início do Filme – Minutagem 8:44)

A cena se inicia com Elisabeth Sparkle (Demi Moore) em seu ambiente de trabalho, um programa *fitness* na TV. Ela personifica a imagem da vitalidade e da beleza idealizada. No entanto, a atmosfera muda rapidamente quando ela é chamada para uma reunião com o chefe do canal, o Harvey (interpretado pelo Dennis Quaid). Lá, ela é informada de que está sendo dispensada do programa, sendo considerada "velha demais" para o público-alvo, uma vez que já estava com 50 anos de idade. A cena provavelmente enfatiza o contraste entre a imagem pública de Elisabeth e a frieza com que é descartada, expondo a crueldade da indústria do entretenimento em relação ao envelhecimento feminino.

A câmera, em enquadramentos close-up aproxima-se do rosto de Elisabeth, capturando a transição dolorosa da incredulidade à compreensão, o desmantelamento da personagem sob o peso da rejeição. Em um mundo onde o tempo é inimigo e a mulher é consumível como mercadoria, a cena ecoa como um lembrete cruel: o valor de um corpo não é definido por sua história, mas pela efemeridade de sua juventude. O que resta, então, quando a imagem se desfaz e o espelho se quebra? Um vazio que a indústria jamais vai preencher, um silêncio que ela não quer ouvir (Figura 1).



Figura 1 – Demissão de Elisabeth Sparkle.

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.06, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3654

Por outro lado, Harvey, o dono e CEO do canal, devora sua refeição com uma ferocidade animal, cada mordida um reflexo de seu poder absoluto. Ele, um homem sem os mesmos padrões de beleza impostos a ela, é praticamente imune à passagem do tempo. Sua gordura, sua ânsia por alimento, sua corpulência é vista como signo de autoridade e força, não de decadência. Enquanto ela é descartada por ser "velha", ele permanece no topo, intocado, alimentando-se do próprio sistema que consome as mulheres. O que resta dessa diferença de tratamento? Um eco silencioso: o valor de um corpo depende da sua obediência ao mercado, enquanto o poder de um homem é uma condição incontestável, preservada pela própria opressão que ele exerce.

Sob a ótica de Preciado (2018), esta cena pode ser interpretada como uma crítica à biopolítica do corpo, ou seja, aos mecanismos de controle que moldam os corpos de acordo com interesses socioculturais e econômicos. Preciado argumenta que, historicamente, o corpo — em especial o feminino — tem sido regulado e tecnificado por discursos de poder que visam submetê-lo a normas específicas.

Preciado (2018) afirma ainda que o "corpo farmacopornográfico" não é apenas o corpo biológico, mas também um corpo que é constantemente modelado pelas práticas e tecnologias sociais, políticas e econômicas. Ele enfatiza que a biotecnologia e a indústria pornográfica não são apenas instrumentos de prazer, mas também de disciplina e controle, permitindo ao Estado e às empresas privadas uma forma de gestão da subjetividade sexual.

Por sua vez, David Le Breton (2013) argumenta que o corpo não é apenas uma entidade física, mas uma construção social que carrega significados e valores atribuídos pela cultura. Essa visão se alinha perfeitamente com a análise do filme "A Substância", onde a estética e a juventude são vistas como normas estabelecidas pela sociedade.

A representação do corpo feminino, especialmente no que tange ao envelhecimento, se revela uma das questões mais recorrentes e dolorosas nas discussões feministas contemporâneas. No filme, essa questão não é apenas abordada, mas escancarada de forma perturbadora. A desintegração do corpo feminino, longe de ser apenas um exercício narrativo de horror, é uma crítica mordaz ao etarismo e às pressões sociais que impõem ao corpo da mulher a

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3654

eterna busca pela juventude. Esse corpo, que se desgasta e sucumbe ao tempo, é tratado como um bem de consumo, cuja utilidade se esgota com o avançar da idade, como se a mulher, com seus 50 anos, fosse de alguma forma descartada da vitrine da mídia e da sociedade. Assim, a representação do corpo feminino em “A Substância” nos coloca frente a um espelho cruel, um reflexo da realidade midiática e social em que o envelhecimento é visto como um defeito, uma falha a ser corrigida.

Cena 2 – "A Substância" e Adeus ao Corpo (Minutagem 27:21)

Elisabeth, após ser brutalmente descartada de seu posto de "símbolo da vitalidade", vive a crua realidade do que significa ser uma mulher envelhecendo em um sistema que adora, mas ao mesmo tempo marginaliza, a juventude. Sua demissão do programa *fitness*, marcada pela frieza corporativa, desencadeia nela uma reação visceral de raiva e desespero, sentimentos que a conduzem a um momento de total vulnerabilidade. Ela pega seu carro, se afasta da cena de sua humilhação, mas, no caminho, é confrontada por uma imagem ainda mais dolorosa: seus próprios *outdoors* e *posts* publicitários estão sendo apagados, como se sua presença, sua identidade, fosse uma página virada sem cerimônia.

Essa cena evoca, de forma contundente, a ideologia que sustenta o culto à juventude e à beleza, um sistema que não apenas reduz a mulher ao seu corpo, mas a consome e a descarta assim que o tempo passa. Elisabeth, diante de sua exclusão, sofre um acidente de carro e vai para o pronto socorro de um hospital. Lá, lugar onde o corpo se encontra com a vulnerabilidade da existência humana, se torna o espaço de sua rendição ao medo de sua irrelevância. É ali que ela recebe a proposta de um tratamento chamado "A Substância", uma promessa de reconquista da juventude, uma sedução ao desejo de um corpo imortal, ou ao menos imune às amarras da passagem do tempo.

A substância, neste contexto, aparece como uma metáfora potente para a busca incessante por uma perfeição física que, ao mesmo tempo, liberta e escraviza. Elisabeth hesita, mas o desejo de recuperar sua juventude e relevância fala mais alto. A promessa de regeneração e de um novo corpo, melhorado, a atrai

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.06, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3654

como um canto de sereia. Aqui, o filme dialoga diretamente com as teorias de autores como Preciado (2018) e Le Breton (2013), que alertam sobre a biopolítica da estética e os efeitos destrutivos da medicalização do corpo feminino. Elisabeth se vê, como tantas mulheres na sociedade contemporânea, prisioneira da promessa de uma perfeição que, em sua própria busca, a faz perder sua identidade.

Quando, finalmente, ela decide aplicar "A Substância", o filme, por meio de uma construção visual e sonora carregada de tensão, leva o espectador ao ápice da metamorfose. O close no frasco da substância e a tensão crescente de sua aplicação geram uma sensação de transcendência que, ao mesmo tempo, revela a tragédia de sua escolha. O corpo, mais uma vez, se torna um campo de experimentação, mas desta vez a mudança não é mais natural. Ao cair no chão de seu banheiro após aplicar a substância na veia, a mulher se torna outra — sua versão "perfeita", mais jovem e "melhorada", surge. No entanto, o que a transformação revela é que, ao buscar a perfeição física, ela não apenas reconfigura seu corpo, mas também se perde na busca de um ideal inatingível (Figura 2).



Figura 2 – Elisabeth Sparkle aplicando a substância e se criando a Sue.

O corpo, nesse processo de transformação, não é apenas modificado, mas desfeito e reconstruído sob novas lógicas de consumo e idealização. A transformação prometida, ao invés de ser uma verdadeira redenção, revela-se

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3654

como uma ilusão disfarçada de esperança, que, ao ocultar a vulnerabilidade humana, paradoxalmente, a reforça. Foucault (2021) nos lembra que o corpo é constantemente envolvido por práticas de poder que o moldam e subjugam, e a mídia, como exemplificado em “A Substância”, não se limita a consumir a figura corporal, mas também a definir e a aprisionar a identidade individual.

Para Le Breton (2013, p. 16)

> O Corpo é hoje remanejado por motivos terapêuticos que praticamente não levantam objeções, mas também por motivos de conveniência pessoal, as vezes ainda para perseguir uma utopia técnica de purificação do homem, de retificação de seu ser no mundo. O corpo encarna a parte ruim, o rascunho a ser corrigido.

Elisabeth não vivencia um retorno à sua materialidade, mas uma reificação de sua própria imagem – um corpo que, em sua busca incessante pela perfeição, perde o direito à imperfeição e à fluidez. Nesse contexto, o processo de rejuvenescimento, longe de ser um caminho de libertação, torna-se uma nova forma de subordinação aos discursos da indústria estética e da biopolítica, que tratam o corpo como um produto de mercado a ser continuamente ajustado, moldado e, muitas vezes, descartado.

Essa nova versão de Elisabeth, manifestada em Sue (interpretada por Margaret Qualley), não é simplesmente uma transformação física, mas uma evidência da fragmentação da identidade, uma duplicidade que revela as tensões entre o desejo de autenticidade e a imposição de uma imagem idealizada.

Preciado (2018), ao tratar da farmacopornografia, expande essa visão, ao afirmar que esse processo de reinvenção do corpo não se limita apenas à estética, mas está profundamente entrelaçado com a ampliação do mercado sexual e do desejo, moldando a identidade e o gênero de formas complexas e normativas. Para ele, a busca incessante pela transformação do corpo — através de substâncias, cirurgias ou outras tecnologias — reflete a construção de um modelo de identidade que deve ser constantemente atendido, modificado e "melhorado", sendo, ao

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3654

mesmo tempo, uma resposta a pressões sociais, econômicas e políticas. A sexualidade, o gênero e a identidade deixam de ser esferas puramente privadas ou individuais, tornando-se, na visão de Preciado, questões profundamente governadas por forças externas, que buscam subordinar os corpos a um regime de normalização.

Assim, a promessa de um corpo ideal e eternamente rejuvenescido, longe de ser um caminho de libertação, também revela como as formas de opressão e controle, ampliadas pela biopolítica e pela farmacopornografia, se sofisticam cada vez mais, governando os corpos de maneiras sutis, mas eficazes.

Cena 3 – Controle e Desintegração do Corpo (Minutagem 1:01:02)

Agora, como Sue, Elisabeth se vê obrigada a alternar sua vida a cada sete dias, mas logo percebe que essa cisão entre os corpos não a liberta, ao contrário, ela a consome lentamente. A cada transição, o corpo de Elisabeth, seu corpo-matriz, vai sendo digerido dia após dia, como uma sombra que a persegue. Esse processo de desintegração do próprio corpo fica evidente em uma cena reveladora. Após o período de sete dias, Sue deveria devolver o controle a Elisabeth, mas decide não fazer isso, tomada pelo prazer de uma relação com um homem jovem. Sua resistência em retornar ao corpo de Elisabeth faz com que ela ultrapasse o limite, prolongando sua permanência por mais um dia. Quando finalmente a troca ocorre, Elisabeth percebe que um de seus dedos está decrépito, enrugado e envelhecido. A dissonância é clara: Sue ignorou o equilíbrio estipulado dos sete dias e, com isso, acelerou o processo de desgaste do corpo original, de forma irreversível (Figura 3).



Figura 3 – Elisabeth percebendo seu dedo envelhecido.

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3654

A insatisfação com a própria aparência, frequentemente agravada pela ação da mídia e de padrões sociais inalcançáveis, pode levar a consequências graves, como distúrbios alimentares, transtornos de ansiedade e depressão. Essa problemática tem início muitas vezes na adolescência, fase em que as pressões sociais e biológicas são mais intensas, mas se estende por toda a vida adulta, principalmente em um contexto que valoriza a juventude eterna.

Le Breton (2013) também aborda a ideia de que o corpo é um campo de batalha onde se disputam valores sociais e simbólicos. Isso ressoa com a observação sobre a desvalorização do corpo à medida que envelhece. Na proposta, é possível discutir como o filme ilustra essas batalhas, mostrando o impacto da sociedade na percepção do corpo e como essa luta é representada de maneira visceral no horror corporal.

Foucault (2001), contribui para essa reflexão com sua análise do poder, que atua sobre o corpo, moldando-o conforme as normas sociais e culturais. Segundo Foucault, o corpo se torna um campo de vigilância e controle, onde as práticas de normalização e disciplinamento da aparência física reforçam o poder das instituições sobre os indivíduos. A pressão para alcançar o corpo idealizado pela mídia e pela sociedade reflete essa dinâmica de controle, onde o corpo deixa de ser apenas um veículo da experiência humana e passa a ser uma representação da conformidade social. Foucault observa que essa externalização das normas estéticas gera um processo de internalização, no qual os indivíduos se tornam seus próprios vigilantes, constantemente avaliando e ajustando seus corpos de acordo com os padrões impostos.

Cena 4 – Meu Eu infeliz (Minutagem 1:10:50)

Com a perda de seu emprego e um tempo disponível para si mesma, Elisabeth tenta, então, se reconectar com a vida. Decide arrumar a casa, comer sem as restrições que por tanto tempo foram impostas em nome da busca por um padrão estético irreal. Ela se permite, finalmente, saborear alimentos que antes eram proibidos, uma tentativa de reconquistar a sensação de controle, mas

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.06, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3654

também de recuperação daquilo que o mundo externo, e principalmente a indústria estética, lhe havia tirado.

Em certo momento, ao perceber que Sue agora ocupa seu lugar na TV, estampada em *outdoors* e promovendo comerciais publicitários, Elisabeth sente um impulso de viver. Decide sair, colocar um vestido vermelho, se maquiar e sair para um encontro com um ex-colega da faculdade. Contudo, ao olhar para si mesma no espelho, é tomada por um sentimento avassalador de feiura. A dismorfia toma conta de seu ser, e a autopercepção distorcida a impede de seguir em frente. O encontro não acontece. Ela se vê sozinha em casa, vestida de roupão, consumindo frango, em um ciclo de solidão e frustração. O corpo, que antes foi objeto de controle e desejo de perfeição, agora se torna um espaço de conflito e desconexão, refletindo o abismo entre o desejo de ser vista e o medo de se expor ao olhar alheio (Figura 4).



Figura 4 – Elisabeth se confrontando com sua própria aparência.

O corpo, tratado como um objeto passível de modificação ilimitada, se distancia da sua própria humanidade. O que é exaltado como uma promessa de perfeição é, na verdade, um reflexo distorcido da busca frenética por controle e pelo medo da vulnerabilidade. A experiência de Elisabeth não é apenas a de uma mulher em busca de beleza ou juventude, mas a tragédia de uma mulher que, na tentativa de fugir da mortalidade, se vê ainda mais aprisionada em um ciclo interminável de transformação, um ciclo que a destrói enquanto tenta se salvar.

Para Le Breton (2004), o corpo é um espaço de subjetividade e um campo de expressão, mas, na sociedade contemporânea, ele também é visto como um

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3654

objeto a ser controlado, corrigido e otimizado. A busca incessante pela perfeição estética e pela juventude eterna pode ser vista como uma forma de descorporificação, na qual o corpo perde sua natureza singular e passa a ser tratado como um instrumento a ser moldado conforme normas externas, esquecendo suas próprias necessidades e características. Le Breton argumenta que, ao reduzir o corpo a um objeto de modificação constante, a sociedade contribui para o distanciamento entre o indivíduo e sua própria fisicalidade, reforçando um vazio existencial.

Outro ponto importante abordado por Le Breton (2013) é a noção de estranheza em relação ao próprio corpo. Ele discute como essa estranheza pode gerar uma crise de identidade, especialmente em um contexto onde a aparência física é supervalorizada. Acerca dessa estranheza abordada por Le Breton (2013) e expressada no filme, na contemporaneidade ela toma forma através do TDC, se revelando como uma verdadeira prisão mental para os afetados, trazendo à tona o estigma e a solidão que muitos enfrentam ao tentar se encaixar em padrões impostos. À medida que a trama avança, vemos o impacto devastador que esse transtorno pode ter nas relações pessoais, no bem-estar mental e até mesmo na saúde física das personagens.

Cena 5 – Guerra ao Corpo e Desintegração do Eu (Minutagem 1:35:47)

Sue, ao negligenciar o equilíbrio entre os corpos e prolongar sua permanência no corpo de Elisabeth por mais de um mês, começa a perceber os efeitos devastadores dessa transgressão. A necessidade de devolver o controle se torna urgente, pois ela sente que, ao ignorar os limites, está condenada a um colapso que pode levar a sua morte. Relutante, finalmente cede e devolve o comando ao corpo original.

Quando Elisabeth retorna ao seu próprio corpo, se depara com uma realidade brutal: o corpo que antes envelhecia de maneira natural e saudável, mas que lhe parecia imperfeito por não corresponder aos padrões estéticos impostos pela indústria cultural e por ela mesma, agora se apresenta como uma grotesca distorção daquilo que um dia foi seu corpo.

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.06, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3654

O reflexo no espelho revela um corpo desfigurado, grotesco, escarificado, marcado pela decadência, tornando-se uma caricatura de si mesma (Figura 5). Essa transformação não é apenas física, mas também emocional, pois ela percebe que, ao tentar se adequar às exigências externas de perfeição, perdeu o que restava de sua identidade.

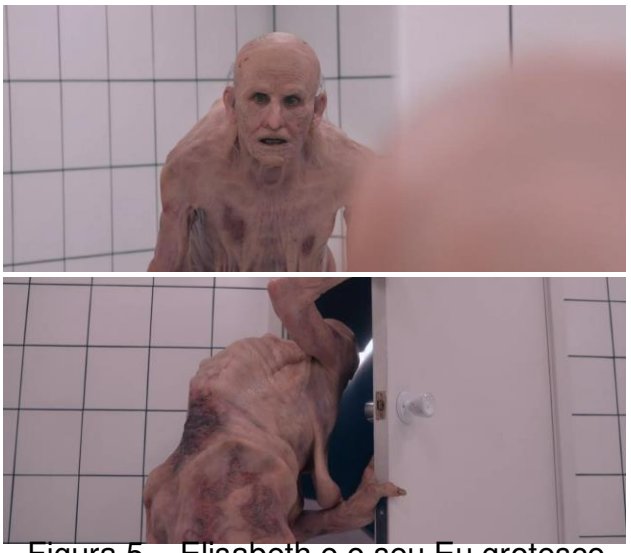


Figura 5 – Elisabeth e o seu Eu grotesco.

A estética do horror, que permeia o filme, não se limita a uma simples exploração do grotesco. Ela serve como um veículo para questionar o que consideramos como progresso e evolução. As tecnologias que prometem uma melhoria da condição humana, como os procedimentos estéticos e as intervenções médicas, se entrelaçam de maneira complexa com o medo do desconhecido, do que é humanamente possível ou desejável. O corpo é transformado, mas a transformação em si não é celebrada, e sim colocada em xeque. Afinal, até que ponto a manipulação do corpo é realmente uma forma de emancipação? Ou será, paradoxalmente, uma forma de desumanização, uma tentativa desesperada de reverter a inevitabilidade da vulnerabilidade humana?

Assim, o filme não apenas reflete a busca pelo "eu perfeito", mas também coloca em questão as estruturas de poder que incentivam essa busca, destacando a desconexão entre identidade e corpo, e a consequente transformação do corpo em uma mercadoria, subordinada a exigências culturais e estéticas que negam sua natureza e subjetividade.

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.06, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3654

Nesse sentido, “A Substância” não é apenas um filme de terror, mas uma alegoria do nosso tempo, em que o culto ao corpo perfeito e à saúde eterna nos leva a um abismo existencial. O filme provoca o espectador a refletir sobre as consequências éticas e emocionais de um mundo obcecado pela farmacopornografia, no qual a busca pela perfeição física é, ao mesmo tempo, um reflexo da nossa fragilidade e uma tentativa de escapar do que nos torna humanos: a impermanência. Em meio à obsessão pela juventude eterna, esquecemos que o corpo humano não é apenas um produto, mas um campo de experiências, de dores, de histórias e de vulnerabilidade.

A mídia, nesse contexto, desempenha um papel crucial na construção dessas representações do corpo. Ela não só reflete essas dinâmicas, mas também distorce e exagera as expectativas sociais em torno da beleza, da saúde e do envelhecimento. Ao nos forçar a confrontar essas questões, o filme nos desafia a repensar não apenas as convenções estéticas, mas a própria concepção do que significa ser humano em um mundo onde o corpo, a aparência e a saúde se tornaram obsessões irreversíveis. A crítica do filme vai além da superfície e toca nas feridas mais profundas da sociedade contemporânea, oferecendo um espaço para a reflexão sobre o que estamos dispostos a sacrificar em nome da busca pela perfeição, e o que, ao final, nos resta quando o corpo que buscamos controlar começa a se desintegrar.

4. Conclusão

Ao longo deste estudo, acredita-se ter alcançado o objetivo proposto uma vez que foi possível revelar a narrativa cinematográfica do filme e trazer à tona não apenas as consequências psicológicas e sociais da "obsolescência estética", mas também as formas como mídia e tecnologia moldam corpos e identidades na contemporaneidade.

Essa investigação, contudo, não encerra as inquietações que despertou. Pelo contrário, ela abre um espaço para reflexões urgentes: o que podemos fazer diante de uma realidade em que os corpos são continuamente submetidos a padrões culturais e midiáticos excludentes? Entendo que a resposta precisa ser

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3654

multilateral. É essencial ampliar os debates sobre aceitação corporal e diversidade, questionando os padrões hegemônicos que aprisionam as pessoas em ideais inalcançáveis.

Também considero indispensável que a mídia seja confrontada com a necessidade de transformar suas representações, desconstruindo a relação entre valor humano e aparência física. Por outro lado, vejo na educação e nas políticas públicas um papel crucial, especialmente ao abordar, desde cedo, o impacto da pressão estética na saúde mental, prevenindo condições como a dismorfia corporal.

No âmbito acadêmico, reforço a importância de continuar pesquisando as interseções entre corpo, poder, estética e mídia, oferecendo subsídios para compreendermos e enfrentarmos as normas opressoras que atravessam nossas vivências. Mais do que criticar, precisamos criar espaços inclusivos, onde os corpos – imperfeitos, vulneráveis, humanos – possam existir em sua plenitude, livres do peso de ideais que desumanizam.

Concluo esta jornada com a certeza de que o corpo não deve ser encarado como uma mercadoria ou um campo de submissão às normas. Ele é, antes, uma experiência viva, uma narrativa que carrega histórias, marcas e subjetividades. Ao repensarmos essas estruturas, acredito que podemos resgatar o que nos torna verdadeiramente humanos: nossa impermanência, nossa diversidade e nossa liberdade de existir.

Referências

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017, 406p.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. 10ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. Tradução de Salma Tannus Muchail. 2ª ed. São Paulo: N-1, 2021.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica.** Curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008b

HAN, Byung-Chul. **A salvação do belo**. 1ª ed. São Paulo: Editora Vozes, 2019

HJARDARD, Stig. **The Mediatization of Culture and Society**. London & New York: Routledge, 2013. Tradução Brasileira pela Editora da Unisinos, São Leopoldo, 2014.

KALEENY, J. D; JANIS, J. E. Body Dysmorphic Disorder in Aesthetic and Reconstructive Plastic Surgery-A Systematic Review and Meta-Analysis. **Healthcare (Basel)**, v. 4, n. 12, p.1333-1341, 2024. doi: 10.3390/healthcare12131333.

LE BRETON, David. **O corpo**: uma teoria antropológica. Tradução de Helena de Lima. Rio de Janeiro: Editora UFMG, 2004.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo:** antropologia e sociedade. Tradução Marina Appenzeller. 6ª ed. Campinas, SP: Editora Papirus, 2013.

MARTINS, Marcelle. **Nova cara do Brasil em 2025**: mais idosos, menos crianças e vida mais longa. Olhar Digital, 1 jan. 2025. Disponível em: https://olhardigital.com.br/2025/01/01/medicina-e-saude/nova-cara-do-brasil-em-2025-mais-idosos-menos-criancas-e-vida-mais-longa/#:~:text=Uma%20crian%C3%A7a%20que%20nascer%20no,e%20em%20condi%C3%A7%C3%B5es%20de%20vida. Acesso em: 24 jan. 2025.

PRECIADO, Paul Beatriz. **Testo junkie**: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2018